

**EXOLINGÜISMO:
ESTRANGEIROS E NATIVOS FACE A CONFLITOS DE COMUNICAÇÃO**

Mirian Rose Brom de Paula
Universidade Federal de Santa Maria

Interações face a face entre "*estrangeiros*" e "*nativos*" sempre existiram. Na história das civilizações, podemos verificar que os povos nunca cessaram de interagir entre eles. De fato, os mesmos estão sempre em contato, seja para estabelecer relações amigáveis (o comércio, as alianças; seja por razões de incompatibilidade (ruptura de relações econômicas entre os países ou a guerra, por exemplo). Esses fatos interessam-nos como dados ilustrativos da temática que vamos desenvolver: a comunicação *exolingüe*, já que essas interações, perdidas no tempo ou inseridas num contexto atual, efetuam-se através da fala e da gestualidade.

Somente na década de 70, na França, esse tipo de interação se torna objeto de estudo de lingüistas e de pesquisadores que se interrogam sobre a aquisição, a aprendizagem e o ensino de línguas estrangeiras. Por que esse interesse e o que poderia representar à pesquisa sobre a aquisição do Francês como Língua Estrangeira (F.L.E.) e demais línguas?

ESTRANGEIROS E NATIVOS

Para que a comunicação se instaure, são necessários, no mínimo, dois indivíduos em interação (mesmo que o tu seja uma projeção imaginária do eu: o caso do monólogo). No nosso domínio de estudo, esses dois interlocutores são representados pelo "*estrangeiro*" e pelo "*nativo*".

O "*estrangeiro*" pode ser definido como

- aquele que não é eu, mas tu;
- aquele que habita outro lugar;
- aquele que não divide com o "*nativo*" o mesmo conhecimento de mundo;

- aquele que possui outros ritos e outras regras culturais e comunicativas que não as da comunidade do "nativo";

- aquele que fala de outra maneira ou uma outra língua;

- aquele que se comporta de forma diferente.

Consultando o dicionário *Petit Robert*, considerado por nós como uma obra que reflete o pensamento *hexagonal*¹, e procurando os termos *nativo* e *estrangeiro*, podemos observar que os mesmos são definidos segundo uma relação de oposição. A diferença existente é, sobretudo, a que evidencia a origem dos indivíduos: o *estrangeiro* é aquele que "é de uma outra nação", que "não pertence a um mesmo grupo (familiar, social)", é a pessoa cuja "nacionalidade não é aquela do país em questão"; é o "imigrante" e o "refugiado"; por outro lado, o *nativo* é a "pessoa nascida no país em questão"; "é originário da terra onde habita, que não veio por imigração".

Desta maneira, *estrangeiro* e *nativo* são interlocutores que não pertencem à mesma etnia/grupo social/comunidade, que não possuem a mesma convivência cultural e que não utilizam o mesmo repertório lingüístico.

Essa distinção será essencial principalmente quando fizermos a comparação entre comunicação exolíngüe e comunicação *endolíngüe*.

COMUNICAÇÃO EXOLÍNGÜE: EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO

Em 1976, não existiam estudos referentes à comunicação exolíngüe² (que nós abreviaremos doravante CE), em consequência disso, não havia, igualmente, um esforço no sentido de elaborar uma tipologia³ dessa interação face a face. Num artigo de Colette Noyau (1976) encontramos, pela primeira vez, a referência a "um novo campo de pesquisa, um campo de estudos ainda inexplorado". Era necessário elucidar o funcionamento desse tipo de bilingüismo falado pelos imigrantes que se encontravam instalados na França já há alguns anos. O francês *aproximado*, como foi denominado primeiramente, era tido como um *sistema de socorro*: um sistema desenvolvido pelos imigrantes para que pudessem compreender os nativos franceses e também para que

¹ Termo empregado, em francês, para denominar tudo o que se refere à França metropolitana. cujo território é, aproximadamente, de forma hexagonal.

² O que pode ser verificado no *Dictionnaire de Didactique des Langues* (1976). De fato, R. Galisson e D. Coste não fazem alusão a esse tipo de comunicação interpessoal.

³ Remy Porquier propôs uma tipologia de situações "exolingües" no 4º Colóquio do GRAL (Grupo de Pesquisa sobre a Aquisição da Linguagem) em 1982. Um artigo do mesmo autor sobre o mesmo assunto foi publicado em 1984.

fossem compreendidos por esses. As soluções lingüísticas e gestuais encontradas eram particulares e resultantes de conflitos sociais e culturais.

Assim, foi em razão da realidade social dos imigrantes que C. Noyau e outros pesquisadores começaram a se interessar pelo assunto. Nesta época (anos 70), novos organismos e instituições foram formados para realizar pesquisas na área da alfabetização de adultos e do ensino de línguas estrangeiras. Problemas oriundos do contato entre imigrantes e nativos precisavam ser resolvidos.

O público específico de "faux débutants" tinha uma posição social e econômica mal definida, pois era tido, naquele momento, como uma população flutuante que, após alguns anos de trabalho em território francês, voltaria aos seus países respectivos. Esta foi, sem dúvida, uma das razões precípuas para que se iniciassem inventários de necessidades lingüísticas e situacionais fundamentais do cotidiano de um imigrante. Eis um exemplo:

1. *L'ARRIVÉE*
première orientation, trouver un hôtel, rejoindre les parents ou amis dont on a l' adresse.
2. *S'ORIENTER DANS LA VILLE*
demande des informations aux passants (les rues, les transports)
3. *LE LOGEMENT*
*recherche d' un logement,
relation avec le propriétaire,
relation avec les voisins.*
4. *LE TRAVAIL*
*recherche d' un travail,
les consignes de travail (...)*
5. *DEFENDRE SES DROITS*
*les "papiers"
démarche pour faire venir la famille (...)*
6. *LA VIE QUOTIDIENNE*
*les achats,
la poste*
7. *RELATIONS PERSONNELLES AVEC LES FRANÇAIS*
*amicales, manifestation de racisme ou
xénophobie (Noyau, 1976, p. 50).*

Em 1976 a pedagogia do F.L.E. desenvolvia a mesma idéia. Por exemplo, René Richerich e Nicolas Scherer referem-se a atos de comunicação e a sua realização. Segundo eles, para que os atos de comunicação (= atos de fala) pudessem ser realizados, eram necessários:

- um certo número de participantes.
- um lugar e um momento determinados;

- um objetivo que os sustentassem. Os atos deveriam estar vinculados a algumas funções, como por exemplo:

1. Demander (...) - offrir/refuser
 - une chose
 - un service
2. Etablir (...) maintenir/rompre
 - un contrat social
3. Relater (...) – confirmer/démentir
 - un fait
 - un événement
 - une expérience
4. Exprimer (...) - approuver - désapprouver
 - une idée
 - une opinion
 - un sentiment (Richterich e Scherer, 1975, p. 4)

Para que estes atos pudessem se efetuar, também eram necessários:

- um canal de comunicação;
- o recurso a registros de língua;
- um conteúdo enunciativo que pudesse ser analisado.

Tanto os autores de *Communication orale et apprentissage de langues* quanto Collette Noyau chegaram a essas conclusões, levando em conta um trabalho de campo que visava a observação do cotidiano do público imigrante. Eles têm idéias convergentes acerca de alguns pontos:

- o ato de comunicação e o "francês aproximado" possuem um conteúdo funcional e pragmático;

- a competência lingüística dá poderes de ação àquele que a desenvolve;

- há uma nítida desigualdade lingüística entre os participantes de uma CE. Aquele que se submete à aprendizagem de uma língua estrangeira, sendo imigrante ou não, deve ter consciência disso e tentar desenvolver, no início de sua aprendizagem, um sistema comunicativo intermediário que possa amenizar essa situação;

- a tomada de consciência da realidade da comunicação oral pode "*influenciar o ensino de línguas estrangeiras modificando a atitude de educadores e educandos (...)*" (Richterich e Scherer, 1975, p. 2).

Como podemos constatar, em 1976, quase todos os elementos que integram a CE já tinham sido considerados: havia a consciência de uma desigualdade lingüística entre os interlocutores. Agravando esse fato, havia, também, uma disparidade social e cultural entre os mesmos. Para que tal situação fosse amenizada, começaram a ser analisadas as

estratégias comunicativas empregadas pelos estrangeiros (C. Noyau, no artigo citado acima, refere-se a "esforço de compreensão"). Todos estes dados fizeram com que o "francês aproximado" fosse objeto de estudos mais aprofundados, da mesma forma com que ficaram evidenciadas as necessidades lingüísticas daquele que se encontra na posição frágil da relação comunicativa: o estrangeiro.

Porém, somente o enunciado do estrangeiro era levado em consideração. Era preciso que a interação propriamente dita fosse incorporada a esse estudo, ou melhor, que os enunciados e os esforços de compreensão de todos os participantes da interação fossem analisados. É o que se tem feito nos últimos anos.

COMUNICAÇÃO EXOLÍNGÜE E COMUNICAÇÃO ENDOLÍNGÜE

Rémy PORQUIER, em "Communication exolingüe et apprentissage de langues", organizou uma tipologia de situações exolingües, a partir da qual retomou o termo CE por ele estabelecido anteriormente, referindo-o em oposição à comunicação endolingüe:

(...) communication exolingüe (...) celle qui s' établit entre individus ne disposant pas d' une L1 commune (...) par opposition à la communication "endolingüe" entre individus de même langue maternelle (1984, p. 17).

Após a publicação deste artigo, a CE começou a ser entendida como um tipo particular de comunicação que tem como critério básico a competência lingüística dos interlocutores, como podemos constatar no fragmento transcrito a seguir:

(...) toute interaction verbale face à face caractérisée par des divergences significatives entre les répertoires linguistiques des participants (Pietro, 1990, p. 251).

Esta definição, que enfatiza quase que exclusivamente a competência lingüística dos participantes, poderá nos causar alguns problemas. Podemos deduzir, por exemplo, que nos encontramos diante de uma situação exolingüe quando ocorre uma assimetria comunicativa a nível lingüístico. Sendo assim, a comunicação entre interlocutores de mesma nacionalidade, no caso educador/educando, poderia ser considerada uma situação exolingüe? Não há dúvidas de que, no contexto de ensino/aprendizagem existem divergências lingüísticas marcantes entre os interlocutores.

Quando R. Porquier aborda a comunicação endolingüe, acrescenta que esta se passa entre indivíduos de "mesma língua materna" (1984, p. 17). No entanto, no que diz

respeito à CE, não exclui a interação entre indivíduos que possuem o mesmo sistema lingüístico. Segundo esse autor, no momento em que estes decidam se expressar numa outra língua, na qual sejam utilizados estratégias discursivas e comportamentos pragmáticos, encontramos-nos no domínio da CE. Entretanto, a definição de R. Porquier é muito abrangente e impede-nos de definir objetivamente a temática trabalhada. Para que possamos compreendê-la melhor, consideraremos, igualmente, os trabalhos anglo-saxões que abordam a comunicação intercultural priorizando a origem étnica dos interlocutores.

Pesquisadores suíços e franceses realizam trabalhos, com fins didáticos, que evidenciam os aspectos lingüísticos e discursivos da relação comunicativa. Jean-Marc Coletta, por exemplo, ao tentar destacar as especificidades da CE em relação à comunicação endolíngüe, esclarece-nos que essas pesquisas têm pelo menos três objetivos:

- o estudo de estratégias discursivas e meta-discursivas;
- o estudo de conflitos conversacionais, quer dizer, o estudo de incompreensões e mal-entendidos;⁴
- o estudo da interlíngua e das estratégias que são colocadas em prática a fim de que ocorra a aquisição da língua estrangeira.

Esses pesquisadores efetuam estudos semelhantes. A heterogeneidade, que também faz parte da realidade exolíngüe, aparece nos trabalhos anglo-saxões. Eles analisam os seguintes aspectos:

- as marcas de identidade presentes nos discursos intergrupais;
- o discurso empregado por educandos e educadores em situação de ensino/aprendizagem da língua estrangeira;
- a observação minuciosa das estratégias não verbais efetuadas por interlocutores de diferentes origens.

Tendo como referência as duas linhas de pesquisa citadas anteriormente, chegamos à conclusão de que a CE teve, desde a sua origem, diferentes abordagens que são, no entanto, complementares.

⁴ Uma seqüência dia lógica pode não ser interrompida quando surge um mal-entendido, pois o mesmo não causa forçosamente a ruptura do diálogo. O mal-entendido só é detectado se o enunciado de um dos interlocutores for inadaptado à situação comunicativa. Nesse caso, ele torna-se uma incompreensão. Esta última é considerada um "mal-entendido elevado ao máximo", como se se tratasse de um "diálogo de surdas", uma não compreensão.

Como podemos observar, as primeiras pesquisas sobre esse tema consideravam somente a competência lingüística dos interlocutores. Mais tarde, foram evidenciados os aspectos não verbais dessa interação. Atualmente, a CE continua a ser definida e apreendida segundo esses dois parâmetros; porém, ela conquistou uma dimensão menos redutora: confunde-se, em diversos aspectos, com a comunicação intercultural.

No presente trabalho, não deixamos de lado este último aspecto da CE, ao contrário, é segundo esta ótica que nos situamos. É incontestável que a realidade exolíngüe possui estreita relação com a competência lingüística dos interlocutores, mas essa é apenas um dos fatores de um contexto mais complexo.

CE E COMUNICAÇÃO ENDOLÍNGÜE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A CE e a comunicação endolíngüe possuem características específicas. Isso foi explicitado por Jean-Marc Colletta, ao apontar as diferenças discursivas e interativas entre os dois tipos de comunicação face a face.

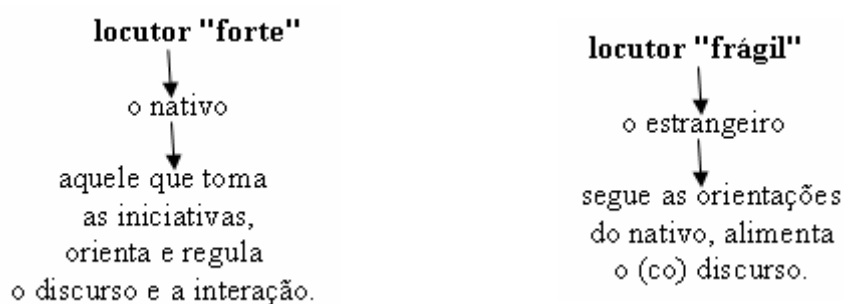
No tocante ao tempo dedicado a cada enunciado, pode-se ressaltar que os não-nativos demoram o dobro do tempo utilizado pelo nativo para veicular a mesma mensagem. Logo, o tempo dedicado a um enunciado é maior na CE.

Podemos ainda observar que

- o número de termos empregados em ambas as situações é equivalente;
- as marcas de hesitações são mais freqüentes no discurso do não-nativo;
- as repetições e retomadas do discurso são duas vezes mais freqüentes na CE;
- na comunicação endolíngüe, os indivíduos utilizam um estilo mais simplificado e

mais livre, ao passo que, na CE, emprega-se uma linguagem mais planificada, isto é, mais próxima da norma. Além disso, os silêncios e as longas pausas recíprocas são evitados.

Na CE, o discurso e a interação são orientados, de maneira explícita, para garantir a intercompreensão. Os papéis dos interlocutores são claramente definidos e distintos:



Em suma, na CE a assimetria entre os participantes é evidente, em consequência disso surgem ambigüidades, incompreensões e mal-entendidos. É por essa razão que na CE há uma tensão maior entre os interlocutores.

COMUNICAÇÃO TOTAL

Se delimitamos quem são os interlocutores do tipo de situação comunicativa proposto e se tentamos compreender melhor a situação exolíngüe, não podemos dizer o mesmo no que concerne à noção de "comunicação". Esta noção tem relações diretas com as pesquisas desenvolvidas pelo "Colégio Invisível"⁵ que a considera como um sistema de múltiplos canais.

La communication est (...) pour ces auteurs un processus social permanent intégrant de multiples modes de comportement: la parole, le geste, le regard, la mimique, l'espace interindividuel (Winkin, 1981, p.24).

A comunicação, verbal e concomitantemente não-verbal, concretiza-se através de um processo interativo que envolve todos os nossos sentidos. Assim, podemos dizer que, numa comunicação face a face estamos em autosincronização e em intersincronização: autosincronização que torna harmônicos os nossos diferentes sistemas sensoriais; intersincronização desses mesmos sistemas com os do nosso interlocutor. Esses dois fenômenos ocorrem em razão da interdependência existente entre os canais sonoro, visual, olfativo, tátil e térmico. Portanto, é preferível denominar esse tipo de situação interativa "comunicação total".

Trata-se de uma relação potencialmente conflitual. Como podemos observar, as diferenças de ordem sensorial colocam em questão o desempenho dos participantes. O insucesso da interação entre indivíduos de línguas e culturas distintas pode decorrer de mal-entendidos e/ou incompreensões a nível lingüístico, mas pode decorrer, também, da

⁵ O "Colégio Invisível" é composto por pesquisadores americanos que trabalham em diferentes instituições (Pala Alto e Filadélfia) e que pertencem a áreas distintas. Sem sede, esse "colégio" existe enquanto metáfora de uma ligação efetiva entre seus membros, consolidada através do livre intercâmbio de textos e publicações. O seu grupo fundador nos anos 50, era composto por Gregory Bateson, Ray Birdwhistell, Edward Hall e Erving Goffman. Nos anos 60 e 70, Don Jackson e Paul Watzlawick seguiram o caminho de Bateson e Stuart Sigman enquadrando-se na mesma linha de pesquisa de Birdwhistell e Goffman. Estes pesquisadores têm uma certa concepção da comunicação interpessoal: acreditam que, no momento em que um indivíduo "fala" a outro indivíduo, utiliza, mesmo que não seja proposital, inúmeras regras: regras ligadas à formação da linguagem; regras relativas à utilização de um nível de língua apropriado ao interlocutor com quem interagimos; regras concernentes à mudança de turno e ao tempo o ele dedicado etc."

falta de uma tomada de consciência por parte do estrangeiro e do "nativo" de que ambos habitam, na realidade, mundos perceptivos diferentes.

LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: O DIZER E O FAZER

Parler une autre langue, c'est pour ainsi dire me glisser dans la peau d'un Autre que je découvre être moi, c'est exposer mon corps aux semblants d'un miroir linguistique qui le transfigure et me renvoie l'image de mimiques étrangères qui sont pourtant les miennes et où je ne me reconnais pas (...) Avec chaque langue c' est un nouveau texte que je dois savoir mais c'est aussi toute une mise en scène à laquelle je dois apprendre à me plier. Il me faut enfiler un costume, un vêtement mélodique qui me colle à la peau et (...) commande toute une gestuelle coextensive à la langue (...) (Ladmiral e Lipiansky, 1989, p. 84).

Se por questões metodológicas e analíticas, ligadas a nossa prática cotidiana, separamos o sistema lingüístico do não-lingüístico, não podemos, no entanto, esquecer que os mesmos se afirmam mantendo uma interdependência dinâmica, uma relação de complementaridade. Essa inter-relação é fundamental, pois não podemos tudo dizer por intermédio das palavras, nem tampouco tudo fazer utilizando nossos gestos.

Os mais recentes métodos de F.L.E. veiculam uma abordagem *comunicativa*. Nas atividades propostas por esses métodos, constatamos a presença de "*canevas*", de "*jeux de rôles*" e de simulações⁶. Atualmente, tentamos desenvolver um trabalho segundo essa perspectiva e, conseqüentemente, o ambiente em sala de aula tem apresentado modificações: as atividades são mais variadas e a participação dos educandos é mais efetiva. Porém, as pesquisas concernentes à "*kinésie*", à "*proxémie*" e à territorialidade⁷ continuam, na nossa área, sem grandes aplicações práticas. Elas são utilizadas como "*mots-jockers, des revendications qu' il faut déployer en termes très génériques, dès qu' on veut montrer la nécessité de l' extra-linguistique*" (Calbris e Porcher, 1989, p. 8).

⁶ *Canevas*: espécie de plano/esquema escrito. O educando deve seguir esse esquema a fim de "criar" uma situação comunicativa. *Jeux de rôles e simulações*: não têm suporte escrito. São improvisações feitas a partir de uma situação imaginária.

⁷ *Kinésie*: palavra utilizada por R. Birdwhistell para designar o conjunto mímico-gestual. Este autor parte do pressuposto que cada cultura aprende, de maneira singular, a caminhar, a gesticular, a rir etc. Assim, obtemos informações sobre nosso interlocutor observando suas vestimentas, ornamentos, sua fisionomia e seus gestos.

Proxémie: é a área de estudo de E. Hall. Pode ser definida como o estudo da percepção, o que o homem faz do espaço em que vive, e como o tempo é estruturado pelo indivíduo.

Territorialidade: conceito criado em 1920. Era exclusivamente empregado nos estudos sobre o comportamento animal. Atualmente, o termo é utilizado, também, nas pesquisas sobre o comportamento humano. Fazemos, então, a diferença entre território privado e território público, pois as relações interpessoais obedecem, nos dois casos, a "regras rituais" (Goffman) distintas.

Nesses métodos, há uma valorização dos aspectos mimo-gestuais e do espaço interpessoal, mas essas dimensões não são ainda reconhecidas enquanto expressões de uma cultura e fonte de ambigüidades.

As pesquisas efetuadas sobre a CE e as conclusões tiradas desses trabalhos não são, também, objeto de reflexões e de aplicações mais sérias por parte de "méthodologues" e de educadores. Logo que análises de comunicações entre nativos e estrangeiros são efetuadas (este é um dos objetivos da CE), notamos que os dois participantes se esforçam para que haja compreensão. Os dois indivíduos envolvidos utilizam vários recursos interativos (estratégias de comunicação), a fim de que a construção de um sentido se realize a partir dos enunciados proferidos. Na maioria das vezes, essas estratégias são empregadas de maneira intuitiva e é utilizando-as que os dois participantes conseguem (ou não) comunicar.

Assim sendo, o desenvolvimento de uma competência estratégica seria relevante, pois os procedimentos que são colocados em prática colaboram para que

- a interação não seja interrompida;
- haja uma dinâmica na comunicação interpessoal;
- as "faces"⁸ respectivas dos interlocutores sejam resguardadas;
- as diferenças de ordem lingüísticas e cultural sejam minimizadas;
- seja estabelecido um consenso sobre o que é dito e feito durante a interação;
- o desenrolar da comunicação empreendida seja facilitado;
- haja a apropriação, por parte do locutor "frágil" da língua-alvo.

As estratégias comunicativas, empregadas pelos interlocutores, são o conjunto de esforços realizados a fim de que a comunicação seja preservada e, conseqüentemente, a interação estabelecida tenha êxito. "*Dans une telle situation, les locuteurs sont amenés à utiliser de façon spécifique leur répertoire linguistique et à faire usage de stratégies de communication spécifiques*" (Noyau, 1984, p. 8). Com efeito, nesse tipo de situação comunicativa, os interlocutores são mais atentos ao que o outro diz e faz e empregam inúmeros recursos verbais e não-verbais para que a comunicação se efetue.

O QUE PRECISAMOS PRIVILEGIAR: CONTEÚDO E/OU CÓDIGO?

⁸ A noção de *face* foi definida por E. Goffman em *Les rites d'interaction*. Segundo esse sociólogo, ela é o "valor social positivo reivindicado pelo indivíduo (...) por intermédio da linha de ação que os outros supõem que o mesmo adota no decorrer de um contato particular. A face é uma imagem do eu (...)"

A CE caracteriza-se por uma maior atenção, da parte do nativo e do estrangeiro, ao conteúdo da interação e aos sistemas comunicativos colocados em funcionamento pelos mesmos. Segundo M.T. Vasseur (1990), esta atenção é o produto de uma "*bifurcação potencial*". Dito de uma outra maneira, logo que nos encontramos em situação face a face com alguém pertencente a uma outra cultura, prestamos mais atenção a tudo o que acontece. Nossa atenção oscila entre o conteúdo e os sistemas comunicativos utilizados para veiculá-lo.

Por um lado, de maneira geral, ao focalizarmos o conteúdo, temos a intenção de compreender globalmente a mensagem produzida. Fazendo isso, não arriscamos romper a comunicação e, também, tentamos dar um sentido às palavras e aos gestos do outro. Por outro lado, ao focalizarmos os sistemas comunicativos utilizados pelo nosso interlocutor, procuramos a precisão. Neste caso, identificamos todos os elementos que constituem a mensagem a fim de decifrá-los e reconhecê-los, o que exige um trabalho cognitivo mais intenso. Esta última focalização é de grande importância, pois a aprendizagem/apropriação da língua estrangeira poderá efetuar-se. As estratégias colocadas em prática seguem esses dois movimentos e ajudam-nos, de maneira pragmática, a preservar a intercompreensão. Cumpre ressaltar que privilegiando um maior trabalho cognitivo, estamos favorecendo o surgimento de seqüências dialogais importantes: as "*seqüências potencialmente aquisicionais*".⁹

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO: SUA IMPORTÂNCIA PARA O EDUCANDO QUE DESEJA SE COMUNICAR NUMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Como foi enfatizado por Jan A. van Ek em publicação intitulada "*Objectifs de l'apprentissage des langues vivantes*", "*le code linguistique est notre outil de communication par excellence; cependant, personne ne le maîtrise suffisamment pour n'avoir aucun problème, même dans sa langue maternelle*" (1988, p. 59). Logo, os locutores utilizam certas estratégias de comunicação, com o objetivo de superar algumas lacunas comunicativas oriundas do sistema lingüístico. Assim, indivíduos da mesma comunidade lingüística e cultural efetuam reformulações de seus respectivos

⁹ Segundo Bernard Py, em "*Les stratégies d'acquisition en situation d'interaction*", estas seqüências dialogais articulam dois movimentos complementares: um movimento de auto-estruturação – onde o estrangeiro/educando emite dois ou mais enunciados, cada um deles constituindo uma etapa na formulação da mensagem; e um movimento de hetero-estruturação – onde o nativo/educador intervém no desenvolvimento do primeiro movimento de maneira a prolongá-lo ou (re)orientá-lo em direção à norma lingüística que ele considera aceitável.

enunciados, substituições de palavras, descrições, simplificações, facilitações, reparações, "negociações parentéticas"¹⁰, onomatopéias, e solicitam a colaboração do outro parceiro na elaboração do próprio discurso.

Tal como ocorre numa comunicação endolíngua, em CE, os interlocutores também empregam as estratégias citadas. Porém, de forma diferente da utilizada pelos nativos. Os nativos as empregam para ajudar o locutor "frágil", enquanto que os últimos têm como objetivo minimizar suas próprias lacunas comunicativas. Além dos recursos de comunicação enumerados, os estrangeiros têm a sua disposição outras estratégias. Elas consistem em

- *donner une résonance étrangère à un mot (candelle pour candle);*
- *traduire littéralement (place de feu pour fireplace);*
- *créer des mots (selon les règles et les processus de dérivation de la langue étrangère);*
- *estropier la langue (en omettant les suffixes d'accord, les distinctions de genre, etc.);*
- *faire des emprunts directs (en utilisant des éléments de sa langue maternelle ...) (van Ek, 1988, p. 60).*

O autor explicita que o emprego, em situação exolíngua, das estratégias de comunicação próprias à língua materna, bem como o emprego dessas últimas "*sont indispensables si l'apprenant veut être capable de communiquer dans la langue étrangère*" (p. 60). Entretanto, ressaltamos que o educando terá mais sucesso e maiores possibilidades de adaptação à língua alvo ao empregar as primeiras estratégias enumeradas. Em contrapartida, ao privilegiar as estratégias utilizadas unicamente pelos não-nativos, o educando terá tendências a desenvolver um sistema intermediário, que não é ineficaz, mas sim redutor.

¹⁰ As negociações parentéticas efetuam-se quando "parênteses" são abertos no decorrer de uma conversação. Isso significa deixar de lado, provisoriamente, a tem ótica principal desenvolvida durante a interação e tentar negociar o motivo que originou um mal-entendido, o surgimento de um mal-entendido que possibilita a abertura desses "parênteses". Abrindo-os, os participantes do ato comunicativo querem chegar a um consenso acerca do conteúdo veiculado pelas palavras e enunciados emitidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLETTA, Jean Marc. "Les spécificités de la communication interculturelle: description multicanale et approche comparative de conversations endolingües et exolingües". VII Colloque International Acquisition d'une langue étrangère: perspectives de recherche. Aix-en-Provence, 15-17 juin 1989.
- EK, Jan A. van. *Objectifs de l'apprentissage des langues vivantes*. Strasbourg. Conseil de la coopération culturelle. 1988.
- CALBRIS, Genevieve e PORCHER, Louis. *Geste et communication*: Paris: Hatier, 1989.
- GALISSON, Robert e GOSTE, Daniel. *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachette, 1976.
- GOFFMAN, Erving. *Les rites d'interaction*. Paris: Les Editions de minuit, 1974.
- LADMIRAL, Jean-René e LIPIANSKY, Edmond Marc. *La communication interculturelle*. Paris: Armand Colin, 1989.
- NOYAU, Colette. "Communiquer quand on ignore la langue de l'autre". In VVAA Communiquer dans la langue de l'étranger. Paris: P.U.V., 1984.
- _____. "Les "français approchés" des travailleurs migrants: un nouveau champ de recherche", In Langue Française, n° 29, février 1976.
- PIETRO, Jean-François de. "Conversations exolingües: une approche linguistique des interactions interculturelles". In: VV AA *Echanges sur la communication*. Paris: CNRS, 1989.
- PORQUIER, Rémy. "Communication exolingüe et apprentissage des langues". In: VVAA *Acquisition d'une langue étrangère III*. Actes du colloque organisé les 16 et 18 de septembre de 1982 à l'Université de Neuchâtel et présentés par Bernard Py. Paris: P.U. V" 1984.
- PY, Bernard. "Les stratégies d'acquisition en situation d'interaction". *Le Français dans le monde*, Paris: Hachette, 1990.
- RICHTERICH, René e SCHERER, Nicolas. *Communication orale et apprentissage des langues*. Paris: Hachette, 1975.
- VASSEUR, Marie-Thérèse. "Interaction et acquisition d'une langue étrangère en milieu social". *Le Français dans le monde*. Paris: Hachette, 1990.
- WINKIN e al. *La nouvelle communication*. Paris: Editions du Seuil, 1981.